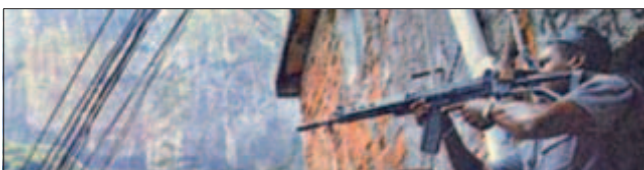
OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
Ano XI - Edição 288
Colaboração: R$ 2
De 15 a 28/02/2007

20 ANOS SEM MORENO

ATO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA 03 DE MARÇO

Páginas centrais

VIOLÊNCIA NO RIO REABRE DISCUSSÃO SOBRE CRIMINALIDADE

Páginas 4 e 5

REUNIÃO DA CONLUTAS PREPARA COMBATE CONTRA AS REFORMAS

Páginas 8 e 9

BUSH VEM AÍ! É HORA DE SAIR ÀS RUAS

Página 12

MÁQUINA – Guido Mantega, falando sobre o investimento estrangeiro no Brasil, disse que o país "é uma máquina de gerar dólares". Faltou dizer que todos seguem para o exterior.

PÁGINA DOIS

COMEÇOU – Foi instalado oficialmente no último dia 12, o Fórum Nacional da Previdência Social que discutirá como vai atacar a Previdência.

MÃOS DADAS

O ministro do Trabalho, Luis Marinho, ex-presidente da CUT, chamou o ex-presidente e fundador da Força Sindical Luiz Antonio de Medeiros, para o cargo de secretário de Relações do Trabalho. Essa função era ocupada pelo 'aloprado' Oswaldo Bargas, destituído após o escândalo do dossiê. Medeiros, que não conseguiu se eleger nas eleições passadas, teve a sua nomeação acertada entre Marinho e Paulinho, atual presidente da Força.

PÉROLA

"A palavra socialismo sempre foi usada como Pinho Sol para remover os problemas do PT".

JOSÉ EDUARDO DUTRA, ex-senador do PT, durante o jantar pelos 27 anos do partido, cujos convites custavam R$ 300. Dutra ainda defendeu que o partido precisava assumir-se como social-democrata. (*Folha de S. Paulo*, 12/02/07)

ORIENTAÇÃO

O *Financial Times*, reconhecido jornal do capital financeiro internacional, afirmou que "chegou a hora de o Brasil mudar as leis trabalhistas e de aposentadoria". Na opinião do FT, a Previdência no país é 'injusta' e as leis trabalhistas são "antiquadas". O jornal norte-americano ainda critica a idade mínima para aposentadoria. Sem o menor constrangimento, trata como absurdo que alguns se aposentem com pouco mais de 50 anos.

CHARGE / AROEIRA

CADEIA

O caos e arbitrariedade dos bombardeios ao Iraque estão aos poucos subindo à tona. Um vídeo revelado recentemente mostrou o diálogo de dois pilotos de caças americanos depois de bombardearem por engano um comboio britânico. *"Nós vamos para cadeia, colega!"*, disse um deles. Não foram.

ROTINA

O Bradesco anunciou aumento de 10,9% no lucro líquido do quarto trimestre, um recorde no resultado anual. O lucro líquido recorrente totalizou, no acumulado de 2006, R$ 6,36 bilhões, superando os R$ 5,51 bilhões de 2005, também recordes. Outro recorde para os bancos, graças a política econômica do governo Lula...

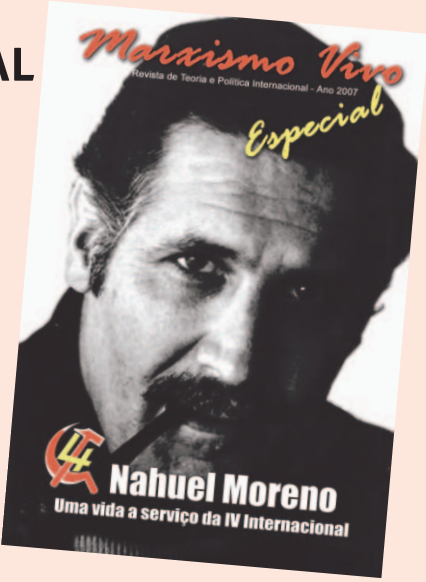
JOSÉ CARLOS, PRESENTE!

Faleceu em São Lourenço (PE) o militante do PSTU José Carlos da Silva, funcionário público municipal de Floresta da Mata. José Carlos fez parte do MSR, corrente que se uniu à Convergência Socialista, principal setor que fundou o PSTU. O ativista foi eleito delegado do último Congresso Nacional do partido. Militante histórico na região, fundou recentemente o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Floresta da Mata, compondo sua Comissão Provisória. O companheiro faleceu dia 10 de fevereiro. O PSTU presta sua homenagem à memória desse camarada, tendo a certeza que seu exemplo de luta permanecerá.

MARXISMO VIVO TEM EDIÇÃO ESPECIAL SOBRE MORENO

Uma das homenagens a Nahuel Moreno ao se completarem 20 anos da sua morte é a edição especial da revista *Marxismo Vivo*, que será lançada em fevereiro. A revista traz vários textos de Moreno sobre a construção da Internacional e uma cronologia sobre sua vida.

Além disso, a Marxismo Vivo terá o artigo de abertura, escrito por Martín Hernandez, dirigente da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI), "Nahuel Moreno – há 20 anos de sua morte, algumas reflexões sobre o 'morenismo'".

A edição especial da revista também será vendida no ato "20 anos sem Moreno – Uma vida construindo uma Internacional operária e marxista para a revolução socialista", que será:

ATO EM HOMENAGEM A NAHUEL MORENO

Dia: 3 de março
Horário: a partir das 19h
Local: Auditório Simon Bolívar do Memorial da América Latina, em São Paulo.

WWW.PSTU.ORG.BR

NESTA SEMANA

NACIONAL
Ato na Praça da Sé lembra um mês da tragédia no Metrô

Em defesa da terra: não à transposição do Velho Chico

INTERNACIONAL
Soldados norte-americanos no Iraque passam férias "quentes" no Rio de Janeiro

CULTURA
Victor Jara, vida e morte de um cantor revolucionário

Escute o samba do bloco Acorda Peão, que critica deputados e PAC

O operário e o poeta: trabalhador da construção civil lança livro de poesias em Belém

TEORIA
Nahuel Moreno e a frente popular chilena

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5576 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - (82)9903.1709
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - Rua Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 3321-5157
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282 Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 3224-0616
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 3226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1
(91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sala 4

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Leão Coroado, 20 - Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CURRAIS NOVOS - Rua Candido Mendes, 150, Centro

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ALVORADA - Rua Jovelino de Souza, 233, Parada 46 (51) 9284-8807
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - R. Coronel Domingos Ortiz, 423 - Centro
francodarocha@pstu.org.br
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2
Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Dr. Gurgel, 1555 - Vila Sta. Helena - (18) 3221-2032
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

QUAL CARNAVAL?

Existem dois carnavais muito diferentes no Brasil. Um deles é o oficial, das escolas com desfiles riquíssimos e sambas cada vez mais pobres. O outro é o dos blocos de ruas, sem fantasias caras, mas irreverente e espontâneo. Quem ouvir os samba enredos dos desfiles oficiais não vai entender nada do que se passa no país, pela exaltação generalizada de qualquer coisa.

Existem dois Brasis muito diferentes. O governo e o congresso vivem em um mundo à parte, muito ligado aos salões da grande burguesia. Os trabalhadores nas fábricas, escolas, nos bairros pobres vivem outra realidade, sem perspectivas e superexplorados.

O governo Lula convidou o presidente Bush para visitar o Brasil no próximo dia 9 de março. Mais ainda, Lula chama Bush de “meu amigo”. Entre os trabalhadores e estudantes do país, Bush não encontraria amigos. Ele não se arriscaria a freqüentar qualquer ambiente popular sem um enorme aparato de segurança. Aliás, em todos os países que visita, Bush tem enfrentado manifestações contrárias de peso.

Lula e Bush têm todos os motivos para celebrar sua amizade. Inegavelmente, Bush tem uma enorme dívida com Lula, por tudo o que o governo brasileiro tem feito a serviço dos EUA. Mantém o plano econômico a serviço das grandes multinacionais e dos bancos. Continua a pagar as dívidas externa e interna pontualmente. E o governo acaba de inaugurar o Fórum da Previdência, para discutir os projetos de reforma.

OS TRABALHADORES BRASILEIROS não darão as boas vindas ao presidente dos Estados Unidos

O governo Lula mantém soldados no Haiti, para garantir uma ocupação militar sob as ordens de Bush. As tropas da ONU, dirigidas por um general brasileiro, ocuparam a maior favela do país com a desculpa de perseguir bandidos para reprimir um grupo político, ligado ao ex-presidente Aristides. Agora, a situação escapou ao controle, com uma manifestação de cerca de cem mil pessoas contrárias à presença das tropas da ONU no país.

Os métodos desta ocupação foram brutais. Está correndo a informação que as forças de repressão estão aprendendo no Haiti técnicas de invasão que serão usados no Brasil, para os morros cariocas.

É o Brasil da burguesia, do governo e congresso que está convidando Bush. Os trabalhadores deste país não darão as boas vindas ao presidente dos EUA. A Conlutas , em sua última reunião nacional , no fim de semana passada, incorporou um protesto contra a visita de Bush em seu calendário. É muito importante que todas as entidades do movimento sindical e popular se integrem a esta mobilização contra Bush, e contra as tropas brasileiras no Haiti.

OPINIÃO – EDUARDO ALMEIDA, da Redação

O fundo partidário e a independência do partido

O TSE redefiniu a divisão do fundo partidário, ampliando as cotas que correspondem aos “pequenos” partidos. Pela regra anterior, apenas 1% do fundo partidário era distribuído entre todos os partidos, independente do número de deputados eleitos. Pela nova resolução, 42% do total do fundo (R$ 146 milhões de reais em 2006) passariam a ser recebidos igualmente entre todos os partidos. O restante seria proporcional aos deputados eleitos.

A reação dos grandes partidos foi imediata: uma frente do PT , PFL, PSDB e outros já apresentou um projeto de lei que volta na prática para a situação anterior. Os grandes partidos querem urgência na votação, para evitar perder dinheiro. O PT, por exemplo, recebeu R$ 2 milhões mensais em 2006 e agora receberia “só” um milhão. O PSDB recebia 1,5 milhão ano passado e passaria a receber R$ 954 mil mensais. Já o PSTU e o PCO, que receberam cerca de R$ 2 mil mensais, passariam a receber R$ 146 mil.

A democracia burguesa favorece os grandes partidos sobre os quais a burguesia tem completo controle. Entre 2002 e 2004 o PT recebeu R$ 24,5 milhões de empresas e o PSDB R$ 20,2 milhões, só computando o dinheiro que entrou regulamente.

Além desse dinheiro das empresas, os grandes partidos ganham uma altíssima soma do Estado através do fundo partidário. É um absurdo que o PT, além do dinheiro das empresas ainda receba R$ 2 milhões mensais de fundo partidário, e segue sendo um absurdo que receba um milhão.

Os grandes partidos alegam que são contrários aos “partidos de aluguel”. Mas é necessário atacar não só os pequenos, mas também grandes partidos de aluguel. O PMDB é o maior representante dos grandes partidos tanto para venda como aluguel. Antes se alugou a FHC e agora a Lula, também em troca de dinheiro, através dos cargos e ministérios.

Nós, do PSTU, somos completamente contrários ao financiamento das campanhas dos partidos pelas empresas e pelo Estado. Os partidos deveriam ser sustentados pelos seus simpatizantes (como pessoas físicas), proibindo-se o dinheiro das empresas e também acabando com o financiamento público.

A democracia dos ricos corrompe, e o financiamento público é também uma forma de cooptação. Os partidos de esquerda passam a depender do dinheiro do Estado, o que influencia sua política. O exemplo do PT é trágico: o dinheiro das empresas e do estado foi uma das bases materiais mais importantes de sua degeneração.

O PSTU não aceita a cooptação. Mantemos nosso partido com o apoio de nossos militantes e simpatizantes. Nosso jornal, sedes, nosso funcionamento cotidiano, são garantidos pelos que nos apóiam. Não vamos mudar isso, seja qual for a resolução dessa questão.

Se por acaso, terminarmos por receber mais dinheiro do TSE, não o devolveremos hipocritamente a esse Estado, que vai utilizá-lo para nos atacar ou para pagar a dívida aos banqueiros. Vamos utilizá-lo para fortalecer a intervenção do partido no movimento de massas. O nosso funcionamento cotidiano continuará a ser garantido pela base que nos apóia, e não por dinheiro do Estado burguês.

AS MILÍCIAS CARIOCAS TÊM A CONIVÊNCIA DO ESTADO

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

A cidade do Rio de Janeiro está enfrentando uma nova onda de criminalidade que ameaça a população. Trata-se do conflito entre as chamadas milícias cariocas com os traficantes de drogas. No final de 2006, o conflito manchou de sangue a festa de fim de ano dos cariocas, quando 19 pessoas foram mortas (oito queimadas vivas em um ônibus), em ações do tráfico de drogas em uma suposta represália ao avanço das milícias.

Neste ano, nos dias 3 e 4 de fevereiro, a guerra entre o tráfico e as milícias pelo controle das comunidades carentes do Rio deixou cinco mortos e dez feridos.

Na Ilha do Governador, quatro pessoas morreram e duas ficaram feridas após traficantes tentarem invadir as favelas do Barbante e da Vila Joaniza. Novamente, quem mais sofre com toda essa situação é a população, que vive sob o fogo cruzado e a tirania que essas quadrilhas impõem nas comunidades.

O QUE SÃO?

As milícias são tão criminosas quanto o crime organizado e o tráfico de drogas. São formadas por policiais civis ou militares, bombeiros, agentes penitenciários, todos travestidos de justiceiros.

As milícias invadem a favela, expulsam os traficantes, ocupam seu lugar e passam a lucrar com a suposta proteção que oferecem à população. Cobram ágio sobre a venda de gás, percentuais em vendas e locações de imóveis e nos chamados "gatos NET" – instalações ilegais de TV por assinatura. Exercendo o controle sobre a comunidade, os milicianos impõem um regime tirânico e ditam as normas de conduta de seus moradores.

Entrevistada pelo ***Opinião***, M., ativista sindical que atua em comunidades cariocas, disse que as milícias "*controlam a vida das pessoas, as entradas e saídas dos moradores e revistam as pessoas*".

Um exemplo disso ocorre na favela Vila Joaniza, onde, segundo o jornal *O Globo*, os milicianos construíram portões para controlar o acesso ao local e impedir o retorno das traficantes expulsos.

NEGÓCIO LUCRATIVO

O crescimento da atuação das milícias tem sido extraordinário. De acordo com dados oficiais, há menos de dois anos as milícias controlavam 42 comunidades. Atualmente, controlam 92. A expansão se dá graças à atuação das polícias Militar e Civil, que permitem a invasão das milícias e, em seguida, se instalam no local para impedir o retorno dos traficantes. Muitas vezes, a invasão de uma milícia em uma favela tem a cobertura direta da polícia, com a utilização até do famigerado "caveirão" (carro blindado da polícia fluminense).

O crescimento da ação das milícias logo se transformou num extraordinário negócio lucrativo. "*Certamente, essas milícias vão começar a disputar espaço entre elas, assim como o tráfico faz com as favelas mais lucrativas. Do ponto de vista do que podem render para essas milícias, as favelas mais lucrativas também começarão a ser disputadas. A grande pergunta que fica no ar é: quando as milícias vão começar a vender drogas?*", questiona Julita Lemgruber, diretora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, em uma entrevista à agência *Carta Maior*.

Há fortes suspeitas de que as milícias teriam feito acordos com a facção criminosa Amigos dos Amigos (ADA). Os milicianos não atacam as favelas dominadas pela facção e invadem apenas os redutos do Comando Vermelho (CV) e do Terceiro Comando Puro (TCP), grupos rivais da ADA.

Algo que pode comprovar esse acordo é o fato de que os ataques no fim do ano passado foram realizados apenas pelo CV e TCP, sem a ADA.

Segundo M., "*nas comunidades é muito comum ouvir dizer que as milícias fizeram um acordo com a ADA, que continuaria a controlar o tráfico enquanto as milícias controlariam a taxa do gás e do gato-NET*".

M. também levanta uma outra preocupação de extrema relevância. "*A médio prazo, essas milícias podem reprimir os movimentos sociais. Nos anos 80, as milícias cumpriram esse papel, chegando a impedir até piquetes de greve*", afirma.

BARBÁRIE NO ORKUT

No Orkut, site de relacionamentos na internet, é possível acessar uma comunidade ligada às milícias. A comunidade intitulada "Milícia RJ", reúne 129 membros que comentam sem constrangimentos algumas ações do grupo e as disputas pelas favelas com setores do tráfico. Um membro da comunidade dá a dica para aqueles que pretendem aderir às milícias: "*Naum (não) ter pena d ngm (ninguém), pois matar alguém que está trocando do tiro com vc (você) é fácil, porém por muitas das vezes vc terá que executar alguém que nunca viu, essa profissão exige muito sangue frio, raciocínio rápido, preciso e maudade (SIC)*".

ESTADO CORRUPTO

A nova onda de violência no Rio de Janeiro mostra com total clareza a corrupção do aparato do Estado. A ação das milícias só é possível graças ao alto grau de decomposição do Estado burguês e de seus órgãos de segurança. Em todos os níveis do Estado (polícia, Justiça, políticos, partidos etc.) existem ramificações do crime organizado, seja do tráfico ou de grupos de extermínio.

Os chefes das atuais milícias são altos funcionários do Estado e da polícia. Um ex-inspetor da Polícia Civil, que ocupava um cargo de confiança na Secretaria de Segurança do Estado, é um dos acusados de chefiar as milícias. Por outro lado, os governos atuam com total conivência – se não colaboração – com esses grupos assassinos.

O prefeito do Rio de Janeiro, César Maia (PFL), recentemente defendeu a ação das milícias denominando tais grupos como Autodefesas Comunitárias. Um exemplo absurdo de que os governantes avalizam a ação desses grupos criminosos.

Não existe "banda podre" da polícia, porque toda a estrutura está apodrecida, desde a sua direção. Nessa guerra suja, os trabalhadores que moram nos bairros das periferias das grandes cidades têm sempre que temer os ladrões e a polícia, porque tanto um como outro pode matá-los.

DE QUEM É A CULPA DA BARBÁRIE?

ASSASSINATO de criança choca o país e reabre debate sobre o combate da violência

DIEGO CRUZ E JEFERSON CHOMA,
da redação

No dia 7 de fevereiro um crime bárbaro ocorrido no Rio de Janeiro chocou o país. A tragédia aconteceu quando uma família foi abordada por assaltantes num cruzamento da cidade. A mulher, que estava ao volante, sua filha, que estava no banco de trás, conseguiram sair do veículo. Porém, o pequeno João Hélio, de apenas seis anos, que estava no banco de trás, ficou preso ao cinto de segurança e foi brutalmente arrastado pelas ruas da zona norte do Rio.

A população tentou desesperada avisar os bandidos que uma criança era arrastada. Segundo testemunhas, os assaltantes chegaram a fazer ziguezague com o carro para soltar o garoto, provando que sabiam muito bem o que estava acontecendo. Uma testemunha disse que chegou a falar com um dos assaltantes, mas esse teria respondido que era apenas um "boneco de judas".

Após andarem sete quilômetros, os ladrões abandonaram o carro e fugiram. Policiais, moradores e jornalistas, ao chegar ao local, ficaram abalados com a brutalidade do crime, tal como todo o país.

HIPOCRISIA

Em ocasiões como esta, sempre assistimos ao ressurgimento da velha panacéia do aumento da repressão para combater a criminalidade. Nesse momento, a grande imprensa e todo um setor da burguesia clamam por mudanças no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e pela redução da maioridade penal.

No entanto, a proposta de uma legislação de pânico aproveita-se do sentimento de uma sociedade desesperada, que, em sua dor, não percebe que esta postura não combate os verdadeiros fatores que geram a criminalidade.

LATUFF

A solução parece fácil. Para se coibir tal tipo de crime, basta aumentar a repressão. É o que insufla a mídia e os políticos, ávidos em reverter o desgaste do Congresso pegando carona nesse tipo de tragédia. Pouco tempo depois que o crime foi divulgado, o atual governador do Rio, Sérgio Cabral (PMDB), saiu a público defendendo a redução da maioridade e o aumento da repressão. Cabral foi acompanhado pelo governador de São Paulo, José Serra (PSDB).

O Congresso não ficou atrás e incluiu na pauta de votação uma série de projetos para alterar o código penal. O recém-eleito presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia (PT), desenterrou projetos como o que aumenta a pena por crimes hediondos.

BURGUESIA HIPÓCRITA

Tanto a direita tradicional quanto o PT vêem no aumento da repressão a solução para os graves problemas de segurança pública. Todos fingem não serem responsáveis pela verdadeira razão da barbárie que se alastra: a cada vez mais abissal desigualdade social, causada pelos planos econômicos dos governos do PSDB/PFL e, agora, do PT.

Não há dúvidas que esse crime foi mais um sinal do avanço da barbárie social no país. Barbárie essa que se repete cotidianamente especialmente nos grandes bolsões de miséria. Entretanto, as cenas de barbáries diárias presenciadas pelos moradores das favelas não recebem a mesma atenção da mídia e dos políticos e são reduzidas a meras estatísticas.

Não se vê a selvageria dos policiais do BOPE (Batalhão de Operações Especiais do Rio de Janeiro) quando sobem o morro com o "caveirão" cantando seu famoso grito de guerra onde dizem que sua "missão" "é invadir favela e deixar corpo no chão". Ou ainda, em chacinas onde grupos de extermínio matam trabalhadores inocentes.

Esse "estado normal das coisas" é produto da miséria causada por um capitalismo em decomposição. Os fermentos que fazem explodir a violência urbana são o desemprego estrutural, a miséria no campo (agravada pela ausência da reforma agrária), o crescimento das favelas nos grandes centros urbanos e degradação dos serviços públicos.

ESTADO VIOLÊNCIA

Apesar do fortalecimento dos mecanismos de repressão, acompanhados pelos discursos de "mais polícia na rua", a criminalidade continuou a subir como um rojão.

Aumentar simplesmente o número de policiais ou incorporar o Exército nas tarefas de polícia só aumentou a corrupção e a violência. Mesmo tendo o maior efetivo policial do país (23% do total), a polícia de São Paulo não impediu o aumento da criminalidade e as ações do PCC. Da mesma forma, o aumento da população carcerária em São Paulo de 90 mil para 144 mil na última década não impediu o avanço da criminalidade. No Rio de Janeiro se deu o mesmo. Apesar dos mais de 38 mil soldados da PM e de toda parafernália feita em torno do "reforço" prestado pela Força Nacional de Segurança (cerca de 500 homens) a criminalidade não caiu.

A política de "mais repressão" só aumenta a violência do Estado que tem como vítimas preferenciais os jovens, negros e pobres. Só no ano passado, a polícia paulista matou 77,6% a mais do que em 2005. Em suma, quanto mais policiais, mais repressão, mais corrupção e menos segurança.

O avanço da criminalidade expõe com crueza a falência dos órgãos de repressão do Estado. A atual sociedade capitalista não tem a menor capacidade de acabar com a criminalidade. Os sistemas prisionais estão falidos e a polícia – mal equipada e mal remunerada – tem ramificações com o crime organizado.

A violência que existe na sociedade é um problema social, fruto da degradação das condições de vida de grande parte da população. O fim da criminalidade não vai se dar com o atual "Estado Democrático de Direito", pois suas estruturas carcomidas pela corrupção promovem um círculo vicioso de repressão e crime.

Mortos do massacre de vigário geral

Um programa de combate à criminalidade

O primeiro passo para enfrentar a criminalidade começa por uma mudança radical na política econômica, com um plano direcionado às necessidades da maioria do povo e voltado para a erradicação do desemprego, o arrocho salarial e o baixo nível educacional. Isso começa com a suspensão do pagamento das dívidas externa e interna (em quatro anos o governo Lula pagou R$ 590 bilhões em juros aos banqueiros). Esse dinheiro deve ser utilizando para a criação de um plano de obras públicas que absorva a mão-de-obra desempregada. É preciso também acabar com o arrocho salarial, duplicando o salário mínimo, com um plano em direção ao salário mínimo do Dieese (R$ 1.500). Sem pagar as dívidas, o orçamento da educação pode ser multiplicado, integrando assim a juventude na escola e em atividades de formação e lazer.

Por outro lado, é fundamental acabar com impunidade prendendo os grandes criminosos, políticos, juízes e policiais corruptos. Sem atacar a impunidade "dos de cima", será impossível reprimir o crime.

Não há reforma possível para as polícias atuais, completamente corrompidas.

É preciso acabar com as polícias civil e militar e criar outra, nova polícia controlada democraticamente pela população, com delegados eleitos. Seus membros devem ter direito de sindicalização e de greve, além de salários dignos.

Vinte anos sem Moreno

DA REDAÇÃO,

O PSTU e a Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) promovem no dia 3 de março uma homenagem a Nahuel Moreno, dirigente revolucionário argentino e fundador da LIT.

O ato "20 anos sem Moreno – Uma vida construindo uma Internacional operária e marxista para a revolução socialista" acontecerá no auditório Simon Bolívar, do Memorial da América Latina, em São Paulo, a partir das 19 horas.

Durante o evento, dirigentes de vários partidos que hoje fazem parte da LIT, o maior e mais importante legado de Moreno, irão falar sobre sua trajetória e elaborações políticas. Dentre eles estão Eduardo Almeida (PSTU – Brasil), Angel Luís Parras (operário da construção civil, dirigente da LIT e do Partido Revolucionário dos Trabalhadores da Espanha), Alicia Sagra (Frente Operária Socialista – Argentina) e Valério Torres (Partido de Alternativa Comunista, da Itália, que recentemente aderiu à LIT). A homenagem também contará com a presença de Oscar Angel, dirigente do Centro Internacional do Trotskismo Ortodoxo (Cito) e do Partido Socialista dos Trabalhadores (Colômbia), organização que está discutindo a entrada na LIT.

Além disso, também farão uso da palavra representantes de organizações que reivindicam a tradição morenista, como Ernesto Gonzalez, 83 anos, o mais antigo dirigente da corrente; Miguel Sorans (União Internacional dos Trabalhadores e da Esquerda Socialista – Argentina) e João Batista, o Babá (Corrente Socialista dos Trabalhadores/PSOL – Brasil).

Esta homenagem será a primeira de uma série de atividades e publicações deste ano para lembrar os 20 anos sem Moreno, cujo legado está em sua elaboração teórica marxista, presente em vários livros e textos. Moreno está vivo nas várias organizações e partidos de todo o mundo reunidas na LIT, que continuam sua obra.

MORENO E A CONSTRUÇÃO DOS PARTIDOS REVOLUCIONÁRIOS ENTRE AS MASSAS

Moreno no Congresso da LIT

Moreno em atividade do partido argentino

A melhor maneira de homenagear o "velho" Moreno é utilizar suas contribuições ao trotskismo para avançar no caminho por ele traçado.

O ato do dia 3 março é uma demonstração disso. Muito mais que uma simples homenagem, é um passo na reconstrução da Liga Internacional dos Trabalhadores. A LIT é a obra fundamental de Moreno, o embrião de Internacional fundada por ele. A presença de novos partidos que se integraram à LIT (como o partido italiano) ou estão voltando (como o PST colombiano) são expressões da reconstrução da LIT de Moreno.

Outro passo é o fortalecimento do **PSTU**, que hoje tem uma das maiores inserções sindicais dos partidos trotskistas em todo o mundo. Uma das marcas distintivas de Moreno foi exatamente essa: a busca por ligar os partidos revolucionários ao movimento de massas. Ou seja, construir partidos que não seguissem a lógica das seitas, muito comum no "trotsquismo".

A revista teórica Marxismo Vivo, publicada pela LIT, lançou uma edição especial sobre os vinte anos da morte de Moreno, com uma série de artigos de sua autoria. Publica também uma cronologia de sua vida, e um artigo de Martín Hernández sobre suas contribuições centrais. Um dos principais temas citados na matéria é exatamente a ruptura de Moreno com o trotskismo dos bares e meios intelectuais, e sua opção estratégica pelo trabalho junto ao movimento operário. Nessas páginas do **Opinião**, publicamos uma parte desse artigo:

MARTÍN HERNÁNDEZ, da Liga Internacional dos Trabalhadores

"Quando Trotsky construiu a IV Internacional, estava consciente de que 'nadava contra a corrente'. Sua intenção era que a IV fosse a continuidade da III Internacional da época de Lenin. Porém, os contextos mundiais em que se construíram essas duas internacionais foram opostos. A III Internacional foi o subproduto do triunfo da maior revolução da história: a Revolução de Outubro. A IV Internacional foi o subproduto do maior processo contra-revolucionário: o fascismo, de um lado, e o stalinismo, do outro.

Para Trotsky, se não se construísse a IV, o stalinismo e o fascismo acabariam com qualquer tipo de vestígio de programa e organização revolucionária (...)

A derrota do fascismo durante a Segunda Guerra Mundial abriu uma situação revolucionária como nunca antes ocorrera. Mas isso não fortaleceu a IV Internacional, e sim o stalinismo, que usurpou as conquistas da Revolução de Outubro em seu proveito, e foi visto pelas massas como o bastião da luta contra o fascismo. Essa realidade condenou a IV Internacional ao isolamento e, mais ainda, à marginalidade por várias décadas.

O movimento trotskista foi heróico por ter lutado durante muito tempo para manter vivo o programa da revolução proletária contra aparatos tão poderosos como o fascismo e o stalinismo. Mas, tal como assinalava Marx, 'a existência determina a consciência' e, no caso do trotskismo, uma existência marginal levou, na maioria dos casos, a processos degenerativos e ao abandono, na prática, do programa revolucionário.

Muitas organizações trotskistas se adaptaram à marginalidade a tal ponto que, durante várias décadas, se construíram centenas de pequenos grupos que tiveram, e têm, como prática central, procurar destruir outro grupo trotskista, na maioria das vezes tão pequeno como os primeiros, para ganhar para seu 'partido' um ou dois militantes da outra organização. Para cumprir esse objetivo, normalmente se valem de qualquer expediente, desde manobrar até caluniar. Esse setor do 'trotskismo', vítima da marginalidade, renunciou na prática à eterna batalha de Trotsky: encontrar, com um programa revolucionário, o caminho das massas.

Como dizíamos anteriormente, Nahuel Moreno se recusou a se adaptar à marginalidade. A obsessão de toda sua vida foi encontrar o caminho para as massas e, em especial, em direção à classe operária. Moreno era obcecado por encontrar as palavras de ordem e as táticas que pudessem estabelecer uma ponte entre os trotskistas e as massas. Mas seríamos injustos com o movimento trotskista se disséssemos que Moreno foi o único que buscou esse caminho. Isso não é verdade. Houve muitas organizações e dirigentes trotskistas que também buscaram. Mas, o que sim é verdade, é que Moreno foi um dos poucos que lutou para encontrar o caminho em direção às massas no **marco do programa trotskista**.

A nova direção da IV Internacional depois da morte de Trotsky (Michel Pablo e Ernest Mandel) não atuou como uma seita marginal frente às massas que, depois da Segunda Guerra Mundial, se agruparam em torno aos partidos comunistas. Pelo contrário, tentou romper com a marginalidade, mas fez isso com uma orientação contrária ao programa trotskista. Convocou os trotskistas a entrar nos partidos comunistas para atuar, na prática, como conselheiros das direções stalinistas. A tal ponto foi assim que, em 1953, quando os operários da Alemanha Oriental se levantaram contra o governo da burocracia, a direção de Pablo e Mandel, num primeiro momento, se colocou do lado do governo contra as massas.

No caso da Revolução Boliviana de 1952, o trotskismo tampouco foi marginal. Pelo contrário. No processo revolucionário, o Partido Operário Revolucionário (POR), a seção da IV Internacional, ganhou influência de massas. Mais ainda, ocupou um papel de destaque à frente das milícias armadas que agrupavam mais de 100 mil operários e camponeses. Mas a direção da IV Internacional, Pablo e Mandel, novamente procurou ir ao encontro das massas por fora do programa trotskista. Sua orientação foi dar apoio crítico ao governo burguês do MNR (Movimento Nacional Revolucionário). Foi a primeira traição do trotskismo a uma revolução.

> **MORENO foi um dos poucos que lutou para encontrar o caminho em direção às massas no marco do programa trotskista.**

Nessa época, o jovem Moreno teve uma posição oposta. Ele também buscou o caminho das massas, mas não a ponto de capitular à consciência atrasada delas, que apoiavam o governo burguês do MNR. Moreno orientou a não ter nenhuma confiança no governo do MNR e afirmou que o poder deveria ser tomado pelo organismo que as massas tinham construído durante a revolução, a Central Operária Boliviana (COB). Propôs, de forma coerente com o programa trotskista: *Todo o poder à COB*!

Na Nicarágua, no final da década de 70, as massas se insurgiram contra a ditadura de Somoza. À sua frente se colocou a FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional). A Fração Bolchevique, dirigida por Moreno, lançou como consigna: *Vitória à FSLN*! Diante desse mesmo fato, o SWP dos EUA atuou como uma seita marginal. Dizia, com razão, que a FSLN era uma direção pequeno-burguesa, mas não teve política nenhuma ou, melhor dizendo, sua política se limitou a agitar essa caracterização.

Moreno, pelo contrário, além de defender a palavra de ordem Vitória à FSLN!, convocou a formação de uma brigada internacional (a brigada Simon Bolívar) para intervir, junto com os sandinistas, na luta armada contra Somoza. A brigada se formou, entrou na Nicarágua e participou dos combates que levaram à queda da ditadura Somoza.

O prestígio que a brigada adquiriu na Nicarágua foi muito grande, e foi usado, por orientação de Moreno, para organizar, depois da vitória, várias dezenas de sindicatos operários. Essa política levou a um enfrentamento com a direção sandinista, que acabou expulsando a brigada da Nicarágua e entregando-a à polícia do Panamá, que prendeu e torturou os brigadistas.

O SWP dos EUA, que havia atuado como uma seita marginal, procurou ir ao encontro das massas, mas o fez de forma desastrosa. Parou de agitar a caracterização de que a FSLN era pequeno-burguesa e passou a apoiar a frente, no mesmo momento em que essa direção, que havia desempenhado um papel muito progressivo na luta contra Somoza, passava a desempenhar um papel regressivo, ao reorganizar o Estado burguês. Mas o SWP não se limitou a isso. Quando os sandinistas expulsaram a brigada Simon Bolívar, a direção do SWP, em conjunto com o resto da direção do Secretariado Unificado da IV Internacional, formou uma delegação que se encontrou com a direção sandinista para lhe dar seu apoio e para denunciar os trotskistas da brigada como ultra-esquerdistas. Foi uma nova traição.

O TROTSKISMO OPERÁRIO

A relação de Nahuel Moreno com a classe operária surgiu em seus primeiros anos de militância. Ele foi ganho para o trotskismo argentino em 1939 (quando Trotsky ainda estava vivo). O trotskismo argentino não era apenas marginal. Era pior que isso. Como Moreno bem assinalava, o trotskismo argentino daquela época 'era uma festa'. Ser trotskista significava participar de reuniões intermináveis, de intelectuais pequeno-burgueses, que se reuniam em distintos bares de Buenos Aires para debater sobre os mais diversos temas políticos.

Por isso, não deixa de ser curioso que Moreno tenha sido ganho para o trotskismo por um dos poucos operários que existiam nesse movimento: um trabalhador marítimo chamado Faraldo. (...) De tal forma que no primeiro documento político que Moreno escreveu (em 1943), intitulado 'O Partido', assinala: '*[A necessidade] mais urgente, mais imediata, hoje como ontem é: nos aproximar da vanguarda proletária, sempre que isso se apresente como uma tarefa possível, e rechaçar como oportunista toda intenção de nos desviar dessa linha*'. Conseqüente com essa conclusão, em 1945 a maioria dos militantes do GOM (Grupo Operário Marxista), com Moreno à cabeça, rompeu definitivamente com o trotskismo dos bares de Buenos Aires. Foram morar na *Villa Pobladora*, que era a principal concentração operária do país e que se transformaria em uma 'fortaleza trotskista'.

Essa orientação de Moreno em relação à classe operária, que manteve até sua morte, o diferenciou profundamente não de todos, mas da maioria dos outros dirigentes trotskistas".

REUNIÃO REAFIRMA UNIDADE CONTRA AS REFORMAS

A GRANDE TAREFA agora é preparar o Encontro Nacional contra as Reformas em São Paulo no dia 25 de março

LUCIANA CANDIDO,
da redação

A Coordenação Nacional da Conlutas reuniu-se nos dias 10 e 11 de fevereiro em São Paulo. Credenciaram-se 170 pessoas, representando 81 entidades, entre sindicatos, movimento popular e camponês, movimento estudantil, oposições e minorias de diretoria. Participaram, também, representantes da Intersindical como convidados.

A discussão girou em torno do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e das reformas neoliberais do governo Lula. O principal objetivo da reunião era elaborar uma proposta de plano de ação a ser apresentada no Encontro Nacional contra as Reformas, que vai acontecer em março, bem como a própria construção e divulgação do encontro. O debate foi permeado do início ao fim pelo sentimento de unidade presente entre os lutadores.

José Maria de Almeida, o Zé Maria, representando o Grupo de Trabalho de Secretaria, abriu o debate com um breve informe sobre conjuntura. Ele iniciou a discussão localizando o Brasil no contexto internacional atual de ofensiva e crise imperialista. Ao falar das mobilizações que se alastram por toda a América Latina, ele disse que o Brasil segue a mesma tendência dos países vizinhos e, por isso, é possível derrotar o governo Lula.

As intervenções apontaram para a grande tarefa que a Conlutas terá pela frente, de preparar uma ampla campanha de conscientização dos trabalhadores para combater o bombardeio da mídia a favor das reformas. Nos próximos seis meses, o Fórum Nacional da Previdência Social, formado por representantes da alta burguesia e pelas centrais sindicais pelegas – incluindo a CUT – vai debater a melhor forma para realizar os ataques que vêm sendo articulados. *"Para manter o modelo econômico, ele (Lula) vai ter de fazer as reformas, ele só precisa saber como fazê-las"*, disse Zé Maria, *"se ele fizer de uma vez, corre o risco de enfrentar uma explosão social"*.

ALDIÉRIO FLORÊNCIO

Mesa de abertura do encontro

CHAMADO À UNIDADE

A conclusão dos presentes é que será necessária uma ampla unidade entre todos os setores dispostos a lutar. João Batista Oliveira, o Babá, ex-deputado federal pelo PSOL, disse que *"temos de ter clareza desse embate, este processo do dia 25 de março deve estar somado a processos que possam levar, inclusive, a greves"*. Ele fez um chamado aos companheiros da Intersindical, ressaltando que *"nosso embate precisa muito da nossa unidade"*.

Os ativistas da Conlutas têm consciência, porém, de que a unidade não pode servir de pretexto para rebaixar as reivindicações. A batalha do movimento é também uma batalha contra a CUT, que hoje ajuda a elaborar e a implementar os ataques aos trabalhadores, disseminando ilusões. *"Temos de ser incansáveis na construção da unidade de ação"*, falou Neida Oliveira, da Oposição Unificada do CPERS-Sindicato, entidade dos trabalhadores em educação do Rio Grande do Sul. *"A unidade é necessária, mas com aqueles que querem lutar. Não podemos deixar que, em nome da unidade, a CUT continue a amarrar e segurar o movimento"*, completou.

AVANÇOS NA ORGANIZAÇÃO

A reunião demonstrou o avanço na organização da Conlutas. Hoje com as regionais se formando e se estruturando nos estados, a Coordenação está se afirmando nacionalmente enquanto uma alternativa real de luta. Nesse sentido, o primeiro Congresso Nacional de Trabalhadores, o Conat, foi um marco na reorganização da classe trabalhadora após as traições de CUT e do PT.

Zé Maria lembrou da luta contra a reforma da Previdência, em que o movimento estava ainda bastante fragmentado: *"avançamos na construção de um pólo de unidade contra as reformas, que nos coloca num patamar muito superior, numa situação mais favorável que em 2003"*.

Na tarde do primeiro dia, os participantes se reuniram nos Grupos de Trabalho (GTs) para elaborar propostas específicas. Foram seis grupos: secretaria, educação, formação e comunicação, finanças, mulheres e GLBT, raça.

ALDIÉRIO FLORÊNCIO

Reunião do GT de Negros e Negras

MOVIMENTOS SOCIAIS

A luta contra as reformas ganha uma importância especial nos movimentos populares e camponeses. Em geral, esse é um setor bastante pobre, que vive no mercado informal de trabalho ou com salários muito baixos. Eles, que já vivem em condições muito precárias, acabam sendo ainda mais atingidos pelas medidas nefastas do governo. *"As reformas, o PAC e todos os programas do governo vão subtraindo os recursos que seriam para todas as áreas sociais"*, argumentou Helena Silvestre, do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto de São Paulo (MTST).

Os representantes dos movimentos sociais presentes defenderam a incorporação das lutas por terra e moradia, principalmente, na pauta da Conlutas. *"A população pobre esta vivendo das migalhas que sobram da mesa do rico, os movimentos sociais terão de fazer mais ocupações para resistir"*, disse Valdir Martins de Souza, o Marrom, um dos coordenadores da ocupação Pinheirinho, em São José dos Campos (SP).

DIA 25 DE MARÇO

A grande tarefa agora é preparar o Encontro Nacional contra as Reformas, que vai acontecer em São Paulo, no dia 25 de março. O encontro será aberto e os cartazes de convocação já foram distribuídos e já há confirmação de presença de várias entidades – participantes da Conlutas ou não.

O encontro deverá ser um momento privilegiado para impulsionar a luta dos trabalhadores contra as reformas e contra o PAC. Ele poderá ser um grande passo rumo à derrota do governo Lula, sobretudo por conta da ampla unidade entre diversos segmentos da classe trabalhadora e da juventude que vem se construindo.

É tarefa de todos aqueles que querem lutar contra o governo e contra a sua política econômica desenvolver um plano de ação capaz não só de organizar, mas de mobilizar a classe trabalhadora e impedir a aprovação das reformas.

REUNIÃO DA CONLUTAS APROVA PROPOSTA DE PLANO DE AÇÃO

PROPOSTAS SERÃO DISCUTIDAS com os demais setores que constroem o Encontro contra as reformas

DA REDAÇÃO

A reunião nacional da Conlutas discutiu e aprovou uma proposta de plano de ação para o próximo período. No entanto, longe de ser uma resolução acabada, tal proposta será ainda discutida com os demais setores que estão construindo o Encontro Nacional Contra as Reformas do dia 25, como a Intersindical e as Pastorais, e remetida à base das entidades e movimentos sociais. Após esse período de discussão, todas as propostas serão reunidas em um "Plano de Ação Unitário" e divulgadas no dia do encontro.

ALDIÉRIO FLORÊNCIO

Participantes da reunião

BARRAR A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Uma das principais propostas anunciadas na reunião é a formação do "Contra-fórum", em contraposição ao chamado Fórum Nacional da Previdência Social, instância instalada no último dia 12 pelo governo. O "Contra-fórum" reuniria personalidades e especialistas que debateriam e apresentariam o ponto de vista dos trabalhadores sobre a Previdência pública.

A iniciativa disputaria a consciência da opinião pública sobre a reforma da Previdência, combatendo as mentiras e falácias propagadas pelo governo e a grande mídia. Desta forma, o Fórum alternativo apoiaria os seminários e debates sobre o tema promovidos pelas entidades e movimentos nos estados.

EIXO DAS LUTAS: CONTRA AS REFORMAS

A Conlutas discutiu também a necessidade do próximo período ter como principal eixo de luta a batalha contra as reformas. No entanto, essa bandeira não anularia, mas seria acompanhada pelas demais reivindicações do movimento, como a anulação da privatização da Vale do Rio Doce, a luta contra o avanço da privatização da Petrobrás, o pagamento da dívida pública, tal como a luta por reforma agrária, moradia, emprego, aumento do salário mínimo e aposentadorias, etc.

CALENDÁRIO DE LUTA

A reunião da Conlutas também discutiu a necessidade de um calendário de lutas, levando em consideração o calendário de mobilizações já existentes e a unificação de reivindicações gerais, como a luta contra as reformas, com as exigências específicas de cada categoria.

PROPOSTA DE CALENDÁRIO

8/3 - Dia Internacional da Mulher, com manifestações em todo o país contra as reformas e a violência contra as mulheres. Tal ato se daria combinado com a luta antiimperialista, aproveitando a presença de Bush no Brasil.

15/3 - Lançamento da Campanha Salarial dos Servidores Federais, com manifestações em Brasília.

21/3 - Dia internacional de luta contra a discriminação racial.

25/3 - Encontro Nacional contra as Reformas, em São Paulo.

28/3 - Ato nacional dos aposentados, promovido pela Cobap, em São Paulo

Semana do dia 17/4 - Luta contra a violência no campo e pela reforma agrária.

26/4 - Paralisação nacional dos professores da rede estadual.

1/5 - Dia internacional de luta da classe trabalhadora – realizar grandes manifestações de caráter classista e contra as reformas

Semana da pátria - Plebiscito nacional pela anulação do Leilão de privatização da Vale do Rio Doce.

REUNIÃO REAFIRMA LUTA POR COTAS

Na reunião da Conlutas, o Grupo de Trabalho sobre "Questão Racial" discutiu a necessidade da luta contra a opressão racial nos marcos da luta de classes. Isso significa lutar contra a discriminação racial combinado com a luta contra a exploração capitalista.

O Grupo discutiu ainda a necessidade de expandir o debate sobre opressão racial para os sindicatos e movimentos sociais. Sobre a questão das cotas, o GT deliberou remeter essa discussão para a base das entidades, antes da Conlutas assumir uma posição oficial sobre o tema. Até lá, o GT de Questão Racial segue sua definição anterior, que é a defesa da ampliação das cotas.

ESTUDANTES CRIAM FRENTE DE LUTA CONTRA A REFORMA UNIVERSITÁRIA

FRENTE VAI PARTICIPAR do Encontro Nacional contra as Reformas

***THIAGO HASTENREITER**, da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU*

Em meados de 2006 o governo Lula apresentou no Congresso Nacional o Projeto de Lei 7.200/06, a sua mais nova versão de reforma Universitária. Como já era de se esperar, o PL reafirma o conteúdo das Medidas Provisórias já em vigor, e pior, aprofunda a concepção mercadológica do ensino, através da concessão de total liberdade para os empresários da educação e a restrição da autonomia das universidades públicas.

Para se ter uma idéia, ficará legalizada a entrada de até 30% de capital estrangeiro nas faculdades particulares, comprometendo de uma vez por todas a produção de conhecimento com as demandas estranhas à soberania nacional. Já nas públicas, o PL inaugura a criação de cursos de curta duração, ciclos básicos multidisciplinares e matem a famigerada lista tríplice.

A ofensiva do governo desencadeou um amplo debate sobre a reforma nas entidades representativas do movimento. Executivas de Curso, DCEs, CAs e coletivos de base se reuniram em dezembro do ano passado em São Paulo e fundaram a Frente de Luta Contra a Reforma Universitária. Desde então, a Frente recebeu cada vez mais adesões e em fevereiro de 2007 lotou o auditório do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação no Rio de Janeiro com mais de 200 estudantes e 90 entidades. Segundo Leandro Soto, da coordenação nacional da Conlute, "a unidade se impôs pela necessidade de derrotar o projeto do Banco Mundial e garantir a gratuidade do ensino superior público no país".

A reunião encaminhou uma série de iniciativas, entre elas, a construção de comitês por universidade ou região, a confecção de uma cartilha, a preparação do boicote ao Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) e a participação no Encontro contra as Reformas, dia 25 de março. Foi resolvida ainda, a realização de uma Plenária da Educação, envolvendo além do movimento estudantil, o ANDES-SN, o Sinasefe e o Vamos a Luta da Fasubra.

Pela primeira vez, desde o início do governo Lula, se constitui uma frente única contra a reforma, incluindo tanto aqueles que já romperam com a UNE, como aqueles que ainda permanecem em seus marcos. E não por acaso, esse processo nasceu por fora da entidade governista, demonstrando a sua incapacidade de responder minimamente às bandeiras históricas da comunidade universitária.

As aulas mal começaram e o movimento estudantil independente já aponta a sua artilharia em direção ao governo e seus aliados. Um ano de muita luta se inicia. A Conlute não poupará esforços na construção da Frente de Luta e na empreitada para barrar essa reforma. Está declarada a guerra!

SÓ A SIGLA CONTINUA A MESMA

ALVARO BIANCHI*, de São Paulo

Há gestos que sintetizam uma história. No dia 9 de fevereiro, quando a direção do Partido dos Trabalhadores decidiu comemorar o 27º aniversário em um jantar na área verde do Othon Palace Hotel de Salvador, sua trajetória era resumida. Vinte e sete anos atrás, o PT era fundado com a presença de sindicalistas, militantes populares e intelectuais. Neste jantar comemorativo o público era outro. Compareceram, segundo noticia o site oficial do partido, "*ministros, governadores, parlamentares, dirigentes, delegações estrangeiras*".

No jantar havia também, segundo informado pela assessoria de imprensa do PT, "militantes", mas só os poucos que puderam pagar o convite de R$300. Ao todo eram 500 felizardos, que também aproveitaram para comemorar "*outras conquistas recentes, como os governos estaduais eleitos - em especial o da Bahia, em que a eleição de Jaques Wagner pôs fim a décadas de domínio carlista – e a vitória de Arlindo Chinaglia na presidência da Câmara*".

Nos discursos falou-se muito de eleições, de eleitos, de ministros e do presidente, é óbvio. Mas não houve referências à luta sindical ou aos movimentos populares que deram origem ao partido. Falou-se de uma "*volta por cima*" e das "*conquistas do partido*", mas existiu um silêncio constrangedor sobre José Dirceu, José Genoíno ou os demais líderes petistas que articularam o mensalão.

"TRANSFORMISMO"

A distância que separa o PT da fundação deste que comemora seu aniversário em um hotel de luxo é gigantesca. Mudou o discurso, mudou o partido e mudou sua base social. Uma pesquisa de Paulo Roberto Figueira Leal, publicada recentemente no livro *O PT e o dilema da representação política* (RJ: FGV, 2005), ajuda a compreender como o partido transformou-se em uma agremiação de gabinetes e engravatados. A pesquisa revela que o eixo sobre o qual giraria a atividade parlamentar dos petistas não seria aquele que conectaria os deputados com os movimentos sociais e sim o que vincularia os representantes com o partido.

Apenas 14,89% dos deputados entrevistados por Leal afirmaram dever fidelidade aos movimentos sociais, categorias profissionais ou localidades, enquanto para 63,82% o partido mereceria essa fidelidade. Esses dados reafirmariam a concepção, presente nos estatutos e nos documentos do partido desde sua fundação, de que o mandato pertence à agremiação. Daí que 61,7% dos entrevistados por Leal possam responder, sem constrangimentos, que o mandato é eminentemente partidário, mesmo que em desacordo com os desejos da base.

Contrariar suas bases eleitorais poderia, entretanto, ter para os deputados um custo medido em votos perdidos. Para anular ou reduzir esses custos, a regulação partidária da atuação legislativa dos deputados teria como contrapartida, aponta Leal, a transformação da estrutura de seus gabinetes em máquinas eleitorais de atendimento aos movimentos sociais. Os deputados petistas compensariam uma atividade legislativa centralizada pelo partido, e não por suas bases sociais, com uma política de profissionalização de quadros oriundos dos movimentos que lhes dão apoio eleitoral.

A profissionalização de dirigentes dos movimentos sociais pelos gabinetes de deputados e, agora, pelos postos controlados pelo PT no Estado, é um modo de operacionalização do "transformismo" político. Os movimentos sociais, em vez de serem incorporados ativamente na esfera da política, ingressam passivamente por meio da transformação de seus dirigentes em funcionários do Estado. Encontram-se aqui processos de reconversão social e política. Social, pela passagem de sindicalistas, líderes comunitários, ambientalistas ou estudantis à condição de membros de uma burocracia estatal. Política, pela passivação dos interesses e práticas desses sujeitos sociais e a adequação bem comportada destas a seu novo ambiente institucional.

NEOCLIENTELISMO

Ao transformismo dos quadros dirigentes dos movimentos sociais soma-se o processo de constituição de uma nova base social por meio do neoclientelismo. Privilegiando a alocação de recursos de programas como o Bolsa Família nas regiões nas quais teve pior desempenho nas eleições de 2002, o Partido dos Trabalhadores conseguiu construir uma nova base social.

Comparando os dados de 2002 com os resultados de 2006, é possível perceber que a votação de Lula cresceu nos municípios com menos de 50 mil habitantes e caiu nos municípios com mais. Essa nova geografia eleitoral coincide com as regiões nas quais os trabalhadores são menos organizados e contrasta com a força que o partido sempre demonstrou nos grandes centros urbanos. Analisando esses resultados, os cientistas políticos Jairo Nicolau e Vitor Peixoto concluíram que "*Lula obteve percentualmente mais votos nos municípios que receberam mais recursos per capita do Bolsa Família*".

Foram esses votos os que permitiram ao governo "dar a volta por cima", como gostam de dizer seus dirigentes. Mas o preço foi alto. A crise do mensalão evidenciou que o Partido dos Trabalhadores perdeu o monopólio das ruas e dos movimentos sindicais e populares. As eleições mostraram que para enfrentar a crise o partido de Lula buscou refúgio no mesmo lugar no qual o partido da ditadura, a Arena, foi lutar pela sua preservação: no interior das regiões mais pobres do país.

Ao invés de representar um projeto de emancipação social, o PT e o governo Lula trocam pão por voto.

Os trabalhadores da cidade e do campo cujas lutas povoavam a retórica desse partido não são mais citados e em seu lugar apareceu um novo personagem o "*o povo pobre desse país*", ao qual Lula fez referência em seu discurso comemorativo. Mas quem é esse "povo"? Ele não está nos sindicatos, nos movimentos de trabalhadores sem terras, ou em associações de moradores. Ele não aparece nunca como um sujeito organizado ou mobilizado.

O "povo" que agrada os dirigentes do PT é a dispersa e atomizada clientela dos programas assistencialistas. É uma soma de indivíduos que se manifesta apenas isoladamente na cabine eleitoral. Ao invés de estimular a atividade do movimento social, Lula e seu partido promoveram a passividade de indivíduos isolados acorrentados a redes neoclientelistas. A sigla que comemora 27 anos continua, é verdade, a existir, mas ela não é mais a expressão das forças sociais que se fizeram presentes em sua fundação.

Jantar de comemoração dos 27 anos do PT no luxuoso Othon Palace Hotel

Ato de fundação do PT no Colégio Sion, em São Paulo

Adesivo de 1980

*Professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas, membro do conselho editorial da revista Outubro e diretor do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx (da Unicamp)

OS "DESCOMPASSOS" DE ANTÔNIA

SELECIONADO pelo Festival de Berlim, "Antônia" é um belo filme e mostra a diversidade da periferia e da população negra. Contudo, tropeça na indefinição entre retratar as cruezas da realidade ou alimentar a falsa ideologia de que "aqueles que correm atrás de seus sonhos" serão recompensados pela sociedade em que vivemos.

***WILSON H. DA SILVA**, da redação*

O novo filme de Tata Amaral, assim como os dois anteriores (os excelentes "Céu de Estrelas" e "Através da Janela"), mergulha no universo de setores marginalizados e "encurralados" pela sociedade.

Em "Antonia", o cenário é a Vila Brasilândia, na periferia da Zona Norte paulistana. É lá que vivem Preta (a rapper Negra Li), Barbarah (a cantora Leilah Moreno), Mayah (a cantora e dançarina Quelyah) e Lena (a MC Cindy), quatro mulheres negras que sonham com uma carreira de sucesso no mundo do hip hop.

Um sonho que, no decorrer do filme, esbarra em todo e qualquer tipo de obstáculo, com destaque para o machismo dos outros "rappers", de seus companheiros e da sociedade em geral; os critérios "artísticos" do mercado e a violência que assola a periferia.

Estes obstáculos, apesar de desmantelarem a fórmula "basta um pouco de esforço e você chega lá" – tão tradicional no cinema e na TV nacionais –, não impede que o filme seja marcado por uma certa "irregularidade", que o faz cambalear entre o explícito desejo de revelar para o público que, na nossa sociedade, a realidade é capaz de sufocar até os sonhos mais belos e o caminho oposto, que prega a "perseverança" e a "insistência" como rotas certeiras para o sucesso.

Muito dessa irregularidade, provavelmente, está diretamente vinculada à principal patrocinadora de "Antônia": a Globo Filmes, que chegou a se utilizar de um mecanismo inédito (o lançamento prévio de uma minissérie, que terá continuidade) na tentativa de levar mais gente aos 124 cinemas em que o filme foi lançado (algo pouco comum, num país onde existem pouco mais de 1700 salas de exibição).

UM PÉ NA LAMA, OUTRO NO ASFALTO

Uma das cenas mais recorrentes do filme mostra as componentes do grupo chegando na Brasilândia, depois dos shows, e trocando seus sapatos de salto-alto por tênis, mais adequados para as ladeiras e ruas esburacadas e não pavimentadas do bairro. Uma bela metáfora para a enorme diferença existente entre aquele bairro e seus quase 300 mil moradores e a "*maior metrópole da América Latina*", vista sempre ao longe, para além de um mar de barracos e casebres.

Mostrada em vários momentos do filme, como uma espécie de marcação para as dificuldades do grupo, que vai se reduzindo até que reste apenas uma solitária cantora debaixo do poste de luz, a cena é simbólica em relação à imersão que a diretora fez no mundo de suas personagens. Certamente o ponto alto do filme.

Tata Amaral utilizou apenas "não-atores". Além das cantoras, o filme traz o rapper Thaíde, numa surpreendente interpretação como o agente das garotas, e figuras do cenário do hip hop e da música negra, como Sandra Sá, Thobias da Vai Vai, Kamau, Chico Andrade, Ezequiel, Macário, entres outros. Assim, a diretora optou por uma filmagem quase documental, com uma câmera na mão que acompanha os personagens pelas vielas e cômodos apertados de suas casas pobres e dignas.

Se é verdade que este tipo de recurso muitas vezes resulta em interpretações questionáveis, também é um fato que ele em muito contribui para a sensação de realidade que permeia todo o filme. A câmera ágil, as falas improvisadas e a aparência de "filme caseiro" de algumas cenas ajudam a desfazer a representação de pobreza maquiada e estilizada que tem caracterizado alguns filmes nacionais, como "Cidade de Deus", por exemplo.

MULHERES NEGRAS E GUERREIRAS

Problemas à parte, há muito de bom em "Antônia". A começar por aquilo que Tata Amaral discutiu como sendo o centro de seu filme: dar voz a mulheres "*pobres, negras, excluídas*", que "*muitas vezes vencem incríveis obstáculos para encontrar um lugar no mundo e dar o seu recado*".

São mulheres que não têm medo de enfrentar maridos e companheiros que são estorvos em suas vidas e carreiras, empresários aproveitadores ou rappers que apenas as querem como "pano de fundo" ou "enfeite" de palco. Jovens acuadas pela pobreza, pela gravidez precoce e pela violência, que fazem da música não só uma expressão de sua realidade, mas também uma forma de confrontá-la.

Além disso, o filme tem o mérito de também apresentar a população negra em sua diversidade: dos jovens "delinqüentes" que vagam pela periferia submersos na violência (praticadas por eles ou contra eles) aqueles que vivem sob a sombra das igrejas; dos machistas asquerosos aos gays (personificado pelo irmão de uma das protagonistas, que, diga-se de passagem, apesar de cumprir papel determinante no desenrolar da história, simplesmente "some" do enredo a partir de um determinado momento).

Embaladas por uma das canções-tema do filme, "Nada pode me parar", estas jovens negras fazem do refrão de sua música um verdadeiro lema: "*Não vou desistir / Ninguém vai me impedir / Se eu tenho força pra lutar / Nada pode me parar...*".

DESTINO INCERTO

Outro ponto forte do filme é deixar o destino das protagonistas em aberto. Quem for assistir o filme verá que o tão almejado "show" pelas quais o grupo lutava acaba acontecendo num palco muito distante do estrelato e, conseqüentemente, muito mais próximo da realidade.

Fugindo de estereótipos e da asquerosa ideologia do "final feliz" – como também do típico olhar paternalista da classe média sobre a favela e os marginalizados –, Tata deixa o destino de suas personagens em aberto, "obrigando-as" a reescrever seus sonhos com a nem sempre agradável tinta da realidade.

Uma opção bastante digna, que por si só vale o ingresso.

Em tempo: Se os descompassos do filme não chegam a afetar a qualidade do filme, o mesmo, pelo que tudo indica, não pode ser dito sobre o efeito da fama sobre as protagonistas. Questionada sobre o fato de ter alisado o cabelo e feito uma cirurgia plástica para afinar o nariz, a cantora Negra Li saiu com uma lamentável pérola:

"*Eu não aguentava mais ir a bailes funks e ver cabelos blacks como o meu. E o nariz me dava um ar masculinizado. Mudei, e daí? Não sou escrava da minha cor*". Lamentável!

BUSH CHEGA AO BRASIL NO DIA 8 DE MARÇO

VAMOS TOMAR AS RUAS contra o senhor da guerra!

JEFERSON CHOMA E LUCIANA CÂNDIDO, da redação

Já está confirmado. O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, estará no Brasil nos dias 8 e 9 de março. A princípio a visita estava programada para o segundo semestre de 2007. No entanto, o senhor da guerra apressou seu encontro com Lula. Embora o pretexto siga sendo os biocombustíveis, o objetivo central do governo norte-americano é buscar a ajuda do presidente brasileiro para recuperar influência sobre a América Latina. Do Brasil, Bush segue para Uruguai, Colômbia, Guatemala e México, em uma rodada que termina no dia 14 de março.

NOVA CARA

Dois dos mais influentes homens do governo norte-americano já estiveram no Brasil nesses últimos dias. O vice-secretário norte-americano para assuntos políticos, Nicholas Burns (terceiro na hierarquia do Departamento de Estado daquele país) e o secretário-adjunto responsável pela América Latina, Thomas Shannon, desembarcaram no dia 6 de fevereiro e permaneceram até o dia 8. Os representantes destacaram que 2007 será o "ano do compromisso" dos EUA com a América Latina.

Shannon foi nomeado recentemente para o cargo. Ao contrário da maioria dos falcões da Casa Branca, seu perfil é o de um negociador que procura restabelecer a influência imperialista na região. *"Se engajarmos (a América Latina) de uma forma inteligente, nós teremos um impacto significativo na região",* declarou. Ele também disse que os EUA *"deixaram a ideologia de lado"*, acrescentando que *"o que importa para a secretária (de Estado, Condoleezza) Rice é o compromisso (dos líderes eleitos) com a democracia e as reformas necessárias"*. Shannon também defende uma nova relação com o presidente Hugo Chávez, da Venezuela: *"Os Estados Unidos não desejam uma política de confrontação com o governo do presidente Hugo Chávez, o Departamento de Estado pretende melhorar o tom e a textura de nossa mensagem em relação à Venezuela"*.

EM PAUTA, AMÉRICA LATINA

Muito longe de uma discussão sobre combustíveis alternativos, a principal causa da visita de Bush se encontra na fragilidade do imperialismo em um continente marcado por levantes revolucionários e pela onda de governos ditos de "esquerda" e nacionalistas burgueses.

A razão desse enfraquecimento se encontra do outro lado do mundo, mais precisamente no Iraque. A ofensiva após o 11 de Setembro levou os EUA a um atoleiro. O país mais poderoso do mundo está em um beco sem saída, cercado pela resistência iraquiana e pelo repúdio da população de seu próprio país com as mortes dos soldados. Existe uma crise no governo norte-americano, com uma divisão da burguesia ianque. A derrota de Israel – aliado do imperialismo na região – na guerra contra o Líbano aumentou o enfraquecimento dos EUA no Oriente Médio.

Os reflexos do enfraquecimento foram sentidos em nosso continente, onde ocorreram uma série de processos revolucionários – Argentina, Bolívia, Equador, etc. – e a eleição de governos com verniz de esquerda, como os de Evo Morales (Bolívia), Tabaré Vasquez (Uruguai) e Lula (Brasil), ou nacionalistas burgueses, como o de Chávez, na Venezuela. O imperialismo está preocupado com esses fenômenos e também com as nacionalizações anunciadas pelos governos boliviano e venezuelano.

Uma outra expressão dessa situação é a crise da Alca (Área de Livre Comércio das Américas), um projeto imperialista que pretende retroceder todos os países do continente ao status de colônia.

PAPEL DE LULA

Os EUA sabem que Lula é uma grande referência no continente e pode ser um ponto de equilíbrio para impedir que se alastre o sentimento antiimperialista do povo latino-americano. Por isso, pretendem traçar uma agenda comum com o Brasil para recuperar a influência na região.

Nesse sentido, Burns afirmou que não teme uma virada à esquerda do Brasil. Lula sempre dedicou elogios a Bush, a quem chegou a chamar de "amigo". A política adotada pelo governo brasileiro é de cooperação com o imperialismo. Lula, por ser o presidente do maior país do continente, pode servir como extintor de incêndio diante das mobilizações que sacodem a América Latina.

É o que vem fazendo, por exemplo, no Haiti, liderando uma "missão de paz" da ONU que vem massacrando a população do país caribenho (*ver matéria abaixo*).

FORA BUSH!

Todos os lutadores dos movimentos sociais e populares estão convocados a preparar um ato de repúdio contra a visita de Bush no Brasil. É preciso construir um grande protesto no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, a exemplo das manifestações contra Bush que ocorreram na Argentina em novembro de 2005. O protesto ganha mais importância ainda porque a visita do senhor da guerra será pouco antes do dia 20 de março, quando a invasão ao Iraque completará quatro anos. Mas nessa luta também é necessário levantar a bandeira de "Fora as tropas brasileiras do Haiti!", que lideram uma vergonhosa ocupação colonial a serviço de Bush.

MILHARES VÃO ÀS RUAS DO HAITI CONTRA OCUPAÇÃO

Uma multidão de mais de 100 mil pessoas ocupou as ruas das maiores cidades do Haiti nos últimos dias 10 e 11. Os manifestantes exigiam o fim da ocupação da ONU, liberdade para os presos políticos e o retorno do presidente exilado, Jean-Bertrand Aristide. Apesar do boicote da grande imprensa, esses protestos foram os maiores desde a ocupação militar do país. Os manifestantes lançaram insultos contra soldados e entoaram palavra de ordem de "abaixo a ONU".

O protesto foi também uma resposta à repressão organizada pelas tropas da ONU contra os bairros populares da capital do Haiti. Sob o pretexto de perseguir criminosos, as tropas realizaram uma incursão em Cité Soleil, no dia 22 de dezembro, com o apoio de helicópteros, blindados e armas pesadas, causando pelo menos 70 mortes e centenas de feridos. A ação está sendo chamada de "massacre do Mercosul", pois foi perpetrada por 400 soldados do Brasil, Bolívia, Chile e Uruguai, dirigidos pelo general brasileiro José Elito Carvalho Siqueira. O governo brasileiro já anunciou que poderá permanecer no país caribenho depois de 2008. Uma vergonhosa demonstração de subserviência ao imperialismo.

É preciso prestar solidariedade ao povo haitiano, vítima dessa vergonhosa ocupação colonial liderada pelas tropas brasileiras. Nos protestos contra a vinda de Bush, vamos levantar a bandeira "fora Bush do Iraque e Lula do Haiti".